

Cidades, viagens, memórias

Sandra Makowiecky¹

Resumo: Necessitamos um preparo para viajar: uma educação adequada para manter-nos acordados para suas vantagens. É preciso estar atento e saber aproveitar esta apaixonante, brilhante, intelectual, prazerosa, produtiva e exigente atividade. Apreciar uma cidade proporciona isso. Percorrer uma cidade é fazê-lo como um fisionomista, pois os objetos sempre contam uma história. A cidade é o projeto primordial da modernidade, em que a totalidade vai se dando por pequenos pedaços e cada pedaço é importante. É preciso captar o singular de cada cidade. O ato de caminhar, a experiência do corpo no espaço articula outros tempos, resgata memórias que acompanham os ritmos dos passos e, portanto, o imaginário atualiza-se no percurso urbano. No limite, as caminhadas, como as viagens, são os substitutos das lendas que não conseguimos mais narrar.

Palavras-chaves: Cidade, viagem, memória.

Abstract: We need a learning to trip: an adequate education to keep us awaked to its advantages. It's necessary to pay attention and to know how appreciate this passionate, brilliant, intellectual, pleasure, productive and demanding activity.

We can feel it enjoying a city. To pass throught one city is to do it as someone that faces the things because the objects always narrates a history. The city is the main project of the modernity, in which the totality happens at small pieces and every piece is important. It's necessary to captivate the singular of each city. The act of walking in the city, the experience of the body in space articulates other times, redeem memories to go along with the rhythm of the footsteps and so, the imaginary is actualized in this urban route. In the limit, walks as the voyages are the substitutes of the legends that we are not more able to narrate.

Key- words: City, voyage, memory.

*“O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”
(.CALVINO, 1990, p.150)*

A necessidade da viagem e sua importância para a educação democrática e para a cidadania são fatores que se pretende destacar. Conhecer cidades; a sua cidade, outras cidades; a comparação, a análise apaixonada e a análise fria, as experiências acumuladas. Cada cidade é uma viagem, cada viagem é uma metáfora, cada metáfora é uma cidade.

¹ Professora doutora, Departamento de artes Plásticas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

“Viagem à Ítaca”² (Konstantino Kavákis)

*“Se partires para um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.*

(...)

Uma bela viagem deu-te Ítaca.

Sem ela não te ponhas a caminho.

Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.

Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,

e agora sabes o que significam Ítacas” (KAVAFIS apud SUBIRATS, 1986, p. 69)

Podendo ser filosófica, artística, ou científica, a viagem, em geral, compreende várias significações e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias. São muitas as formas de viagens reais ou imaginárias, demarcando momentos ou épocas mais ou menos notáveis da vida de indivíduos, famílias, grupos, coletividades, povos, tribos, clãs, nações, nacionalidades, culturas e civilizações. Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, que pode ser através de dissolvê-las ou recriá-las e faz isto ao mesmo tempo em que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto pode singularizar como universalizar, dependendo da opção feita, do enfoque da análise, da percepção de cada um.

Para Ianni (2000), a viagem, como realidade ou metáfora, está sempre presente em muito do que é o imaginário das ciências sociais. Todo cientista social realiza algum tipo de viagem quando estuda, ensina ou pesquisa. Por toda a história de cada uma e de todas as ciências sociais, há sempre alguma contribuição do relato sobre outras terras, povos, formas de sociabilidade, culturas e civilizações. Por toda a história das ciências sociais, os principais autores têm sido viajantes ocasionais ou permanentes.

A viagem transforma, corrompe os costumes e rompe a certeza. A experiência da viagem coincide com a experiência da perda de identidade.

² Ulisses, Rei da Ítaca, era filho único de Laertes e Anticléia. Fazia dois anos de casado com a bela Penélope quando estourou a Guerra de Tróia. Tudo fez para não ir para a guerra, mas foi obrigado a partir. Quando Tróia caiu, Ulisses rumou para Ítaca, porém a fortuna lhe foi adversa durante dez anos. Arrojado pelos ventos à ilha de Ogigia onde reinava a ninfa Calipso, filha do Oceano, esta prometeu torná-lo imortal se promettesse esquecer para sempre Ítaca e ali quisesse acabar tranquilamente seus dias. Ali passou dias, meses e anos até que, por fim, auxiliado pelos deuses se fez rumo à pátria aonde chegou são e salvo.

“A incerteza e a viagem se forçam mutuamente. Épocas de identidade ameaçada forjam grandes viajantes; e os grandes viajantes sempre sorriem com a dúvida no olhar. A incerteza em relação ao mundo onde a ordem teológica ruiu, leva o ilustrado a percorrê-lo e, assim fazendo, a questioná-lo inteiramente” (SUBIRATS, 1986, p. 72).

Ao viajar, a alma exercita-se incessantemente em observar coisas desconhecidas e novas. Não se conhece escola melhor do que ser apresentado à diversidade de outras tantas vidas, costumes, fantasias, arquiteturas, paisagens. Toda viagem é uma mudança, não apenas do lugar, mas de elementos internos e externos.

A imagem da viagem e do viajante é o oposto da utopia dos navegadores da Renascença. Eles partem em busca de um mundo novo, embora saibam que suas viagens sejam uma incógnita. Há uma partida, mas não se sabe se haverá ou não retorno. A natureza deste espírito está bem explícita nas cartas de Américo Vespúcio. São as crônicas que escreveu durante suas travessias até o Novo Continente. Os relatos, como espécie de diário, narram todas as angústias, ansiedades e perigos vivenciados pelos viajantes, quando deixavam para trás as terras européias ou mesmo com relação às terras novas.

“Mas não é isso que Américo teme, e sim o regresso. Ele celebra a liberdade garantida pelo seu novo estado, e lamenta amargamente a insegurança, as voltas imprevistas da fortuna, as desgraças súbitas, as lutas constantes e o eterno sentimento de incerteza que o acossaram nas terras européias, que deixava para trás” (SUBIRATS, 1986, p. 72).

O que caracteriza a viagem da época moderna é o percurso a Ítaca: viagem sem fim, porém excitante. E quem a faz é o navegador de rumo perdido. Ítaca na verdade é uma utopia. O caminhante certamente prepara-se com cuidado, antes de partir para a viagem. Informa-se principalmente acerca de seu destino, mas não por nele acreditar ou supor que vá alcançá-lo. Apenas quer tê-lo presente, para poder manter um passo mais apressado. E começa a viagem, e caminha sem parar.

A vivência social e histórica do burguês coincide com a viagem a Ítaca, pois ele se insere na e pela razão que norteia o processo de produção social, pois o indivíduo moderno identifica-se subjetivamente com sua capacidade de dominação, transformação e subordinação da natureza. Como a produção social é determinada pelo acúmulo de saberes e poderes, de capacidades técnicas, de equipamentos, organizações e domínios, assim é determinada sua estrutura espiritual.

E tem sido assim mesmo. As viagens, os contatos com outras culturas ampliam a visão de mundo e forjam homens capazes de provocar mudanças. Mudar os hábitos de um povo não é tarefa fácil. Com esse propósito, devemos nos valer do que tem sido um dos maiores fatores da educação, em nível individual e universal e ver o que está acontecendo em outras cidades e em outros países.

Para a promoção da cidadania, da renovação das cidades, em que cada um de nós tem sua parte, nunca será demais a experiência colhida nas cidades de ontem e de hoje.

Filhos de uma era perplexa e encantada com seus meios de comunicação, como agora nos sentimos, na era da informação, internet, televisão a cabo, naturalmente somos levados a pensar em nossos antepassados como pessoas confinadas a limites estreitos e com pouca experiência em viagens.

Contudo, a viagem e o comércio são pré-históricos. A História Clássica nos recorda como as vias de comunicação do Império Romano estendiam-se com perfeição ininterrupta, em termos de pavimentação e conservação, por todo o Império, e mais além, suportavam não somente legiões em marcha e carteiros a galope, mas também longas comitivas de comércio. Através do Mediterrâneo, as linhas de comunicação foram numerosas e variadas.

Comparativamente, na Idade Média, as viagens não foram raras. Relembremos, contudo, as grandes rotas comerciais e internacionais da Europa, como as de Nuremberg e Augsburg, das quais muito dependia a prosperidade das grandes cidades marítimas, como Veneza e Gênova, Bruges e Hamburgo.

Os alegres contadores de histórias de Chaucer, em peregrinação a Canterbury são exemplos conservado em forma de arte a respeito do que ocorria em cada país e em todos os seus grandes santuários nacionais. O esplendor de Peterborough, de Colônia ou de Compostela tinha algo mais do que uma origem simplesmente diocesana, era um apelo nacional e internacional. De maior importância, subseqüentemente, era a grande peregrinação que atraía a cristandade a Roma e a grande Peregrinação a Jerusalém.

Tal qual ocorreu com o intercâmbio da cultura literária. A cultura grega veio de Constantinopla, anteriormente à Conquista Turca, segundo mostra a história florentina, e as viagens de Erasmo, que transformaram a Universidade e marcaram história.

É preciso mencionar aqui a importância das universidades alemãs: são respeitadas em todos os países e têm evidente superioridade em relação às instituições similares de nosso próprio país. Enquanto a nossa juventude em Oxford ou Cambridge, em St. Andrews ou Edimburgo, geralmente permanece em sua universidade durante todos os anos de sua vida estudantil, seus contemporâneos alemães do mesmo nível têm várias vezes a experiência estimulante do novo ambiente de uma grande universidade, de uma nova cidade cultural (GEDDES, 1994, p. 96).

Isto nos leva a acreditar cada vez mais que somente quando tivermos uma educação essencialmente aberta, e que se sobrepõe à educação restrita às salas de aula e fechada nos campos de seus domínios, poderemos progredir para um novo conceito de expansão, dimensionando com exatidão o valor e a vitalidade do ato de viajar como ato de conhecer, como ato de formar o cidadão do mundo.

Necessitamos um preparo para viajar: uma educação adequada para manter-nos acordados para suas vantagens. É preciso estar atento e saber aproveitar esta apaixonante, brilhante, intelectual, prazerosa, produtiva e exigente atividade. Estar atento ao papel de formador de homem de cultura geral, atento para o significado da poesia e do drama, da crítica e da comunicação polida e para o lugar que tudo isso ocupa na sociedade.

Apreciar uma cidade proporciona isso. Percorrer uma cidade é fazê-lo como um fisionomista, pois os objetos sempre contam uma história. A cidade é o projeto primordial da modernidade, em que a totalidade vai se dando por pequenos pedaços e cada pedaço é importante. É preciso aprender a ver assim. É preciso captar o singular de cada cidade.

Do Egito Antigo a Londres do século XVIII, a Paris do século XIX e a Berlim do século XX, muitas vezes os planejadores/arquitetos de nossas cidades acomodaram às suas perspectivas imponentes, esquecendo-se de coisas simples que são desejadas como aspiração da população. Por vezes, há pouca orientação para os interesses humanos de cada comunidade e para a individualidade das moradias.

Não se trata, portanto, de perder a visão do todo; muito pelo contrário, é fundamental ampliar a visão de mundo, para passar uma peneira no arsenal de possibilidades, escolhendo as mais adequadas.

Mas para isso, não podemos apagar as diferenças. É importante olhar para o mundo dos outros, para situar o seu próprio e torná-lo significativo; para conciliar os apelos da grandeza urbana com os da vida doméstica e comunitária.

Antes que o homem moderno possa controlar as forças que hoje ameaçam a sua própria existência, é necessário que retome posse de si mesmo. Isso fixa a principal visão para a cidade do futuro: criar uma estrutura regional e cívica visível, destinada a colocar o homem à vontade em face do seu ego mais profundo e de seu mundo mais amplo, ligados a imagens de nutrição e amor humano (MUNFORD, 1982, p.618).

As cidades representam a memória da cultura, são os símbolos históricos da cultura. Um passeio às ruas de Pompéia exemplifica, pois através de toda a sua arquitetura somos transportados a uma outra época, onde tudo colabora para uma cristalização de emoções e experiências além da estrutura tecnológica do poder e da cultura. A falta de espaço para templos, para as artes é uma forte tendência, transformando assim as cidades hoje em verdadeiros desertos da cultura. É a presença desses lugares que distingue uma cidade. Mesmo hoje, na Grécia, onde raros monumentos continuam erguidos, é a própria paisagem que desperta o viajante, pois sua configuração revela-se como o berço de todas estas construções. O que lá se apreende é a força do lugar.

Na pressa da praticidade do mundo moderno, perdemos cada vez mais a trama do nosso enraizamento e é desta forma que acaba se determinando o que se quer preservar ou não. Já perdemos vários exemplares e é preciso evitar que se perca mais. As coisas são mais importantes do que parecem à primeira vista. Alguns monumentos constituem a consciência das marcas da nossa identidade cultural.

Dentro de uma definição mais ampla, a ruína é aquilo que um dia esteve, não está mais, porém, permanece. Como observa Olgária Matos: “As ruínas resistem ao poder destruidor do tempo. Elas fazem parte do derradeiro patrimônio do indivíduo, de suas aspirações de viajar em sentido inverso ao da morte” (MATOS, 1982, p.50).

A ruína, assim, passa a ser a fundadora de um sentido físico e psicológico a um só tempo. Os monumentos, de igual maneira, em sua materialidade e conteúdo simbólico, envolvem temas referentes à arte, arquitetura e história. Articulam, no plano visível, elaborações coletivas de espaço e tempo.

“Em outras palavras, trata-se de observar, cuidadosamente, que em nossos próprios territórios culturais – começemos pela cidade que habitamos – sofremos com a perda dos referenciais culturais e os conteúdos de nossa memória coletiva se empobrecem” (FREIRE, 1997, p. 165).

Óscar Collazos, num belo texto chamado *Memória de las ciudades* (2002) diz que as cidades vivem em nós como os amores. São o que foram e não o que queríamos que fossem. Como no amor, as construímos com afeto. Como um objeto de amor, parece

desaparecer às vezes da recordação, porém quase sempre reaparecem em um ato involuntário da memória. Preferiríamos vê-las como as amamos e não como mudaram ao nos afastarmos delas. Para Collazos (2002), uma cidade é, em princípio, o espaço da infância, dos amores, da amizade, onde topografia e arquitetura se vincularão sempre ao universo afetivo dos homens e acabam convertendo-se em “fundações mitológicas”, ou seja, em fundações sem tempo.

Em nossa memória, para o autor, as cidades que vivemos e amamos não existem por baixo de uma enganosa idéia de progresso. Ao resistirmos a vê-las como o que chegaram a ser, nós as congelamos em uma foto fixa que nos fala do que foram. Como objeto de nostalgia, deixa de ser topografia urbana e se transforma em topografia afetiva. É o caso da Buenos Aires de Jorge Luis Borges, por exemplo, onde cidade antiga e cidade moderna são refundadas pela memória, que só voltam a ser fundadas com os planos da memória.

Podemos citar cidades que poderiam pertencer a um mapa das “Cidades da Anima”, ou seja, as cidades com alma, e para exemplificar, se cotejam lado a lado, a Londres enevoada de Turner, a Paris e o Porto de Havre de Albert Marquet, a lírica aldeia de Vitiesbsk de Marc Chagal, onde os violinistas tocam nos telhados, a Florianópolis de Martinho de Haro³.

Alguns artistas criam imagens de cidades, que mais do que uma visão de artista, fornecendo uma síntese do que se tem guardado na memória, de certos períodos históricos. Podemos citar outros: a Nova York de Hooper, a Paris de Vlaminck, a São Paulo de Tarsila do Amaral, a Lisboa de Eça de Queiróz, entre tantas outras.

O filósofo Michel de Certeau (1994) compara o ato de andar na cidade com a formulação de um discurso. Considera que esse ato, aparentemente corriqueiro e à primeira vista, desprovido de significados, além de seus objetivos mais aparentes, como ir a determinado local ou passear, está imbuído de pequenos vistos, fantasias, insere-se numa rede simbólica. O ato de caminhar, a experiência do corpo no espaço, para ele, articula outros tempos, resgata memórias que acompanham os ritmos dos passos e, portanto, o imaginário atualiza-se no percurso urbano. É neste momento que se dá o ritmo de leitura desse texto simbólico de conteúdo individual e também coletivo. No limite, as caminhadas, como as viagens, são os substitutos das lendas que não conseguimos mais narrar.

³ O artista, por transposição afetiva e intelectual, conseguiu transformar sua Ítaca em mais uma das Cidades da Anima. A Ítaca de Martinho era Florianópolis, para onde quis voltar.

Como andar e viajar são “espaços de enunciação”, realiza-se a transformação do lugar abstrato em espaço, que acolhe os sonhos, as lembranças, ou seja, os dispositivos simbólicos. Em outras palavras, o espaço para Certeau é o lugar praticado.

Rousseau também se deteve a analisar o passeio, que para ele, são elos que organizam as vistas resultantes das paradas momentâneas do caminho. Como um caminhante solitário, lança luzes sobre um possível sentido existencial vivido nas imagens do caminho. Este texto de Rousseau é bem elucidativo: “Nossa existência nada mais é do que uma sucessão de momentos percebidos através dos sentidos” (ROUSSEAU, 1986, p. 294).

As viagens abrem espaço para o desconhecido, para o *outro*, revelam fissuras pelas quais podemos penetrar e reencontrar zonas perdidas. Esse *outro* pode estar adormecido dentro de nós. A viagem apenas provoca seu despertar.

É desta natureza o estranhamento da viagem: nunca é relativo a um outro, mas sempre relativo ao próprio viajante; afasta-o de si mesmo, deflagra-se na extensão circunscrita de sua frágil familiaridade, no interior dele próprio. O distanciamento das viagens não desenraiza o sujeito, apenas diferencia o seu mundo [...] quando, é verdade, ele não se mostra demasiado compacto – e defendido – para deixar penetrar o tempo (CARDOSO, 1988, p.359).

Ao estar aberto para deixar penetrar o tempo, o mundo do viajante não se estreita, abre-se, experimenta a vertigem da desestruturação que lhe impõem as alterações do tempo. Poderá então, rearranjar internamente seus fundamentos a cada nova experiência significativa, a cada novo deslocamento. Viajar não é, portanto, um simples deslocamento de corpos, mas, principalmente uma aventura do espírito e o mapa-múndi apresenta ao viajante as etapas do desenvolvimento da humanidade.

Viajar é ser outro constantemente
 Por a alma não ter raízes
 De viver de ver somente
 Não pertencer nem a mim
 Ir em frente, ir a seguir
 A ausência de ter um fim
 E da ânsia de o conseguir.
 Fernando Pessoa

Referências bibliográficas

- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
 CARDOSO, Sérgio - O olhar dos viajantes. In: NOVAES, Aduino et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
 CERTEAU, MICHEL DE. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Collazos, Oscar. Memória de las ciudades. Disponível em <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag30collazos.htm>> Acesso em 18 de set. 2002.

FREIRE, Cristina - **Além dos mapas. Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

GEDDES, Patrick - **Cidades em evolução**. São Paulo: Papirus, 1994.

IANNI, OCTAVIO. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MATOS, Olgária - A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. **Espaço e debates**, nº 7, out./dez. 1982, São Paulo.

MUMFORD, Lewis - **A cidade na história**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

ROUSSEAU, J.J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986.

SUBIRATS, Eduardo - **Paisagens da solidão**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1986.